

INFLUÊNCIAS E DOMÍNIO DE UMA LÍNGUA SOBRE OUTRA(S)

José Lemos Monteiro
(UNIFOR, UFC)

RESUMO

Com este trabalho, objetiva-se definir uma série de fenômenos decorrentes do contato entre duas ou mais línguas. Tenta-se inicialmente distinguir a interferência da convergência linguística, delimitando-se o alcance do conceito de empréstimo. Em seguida, destaca-se o processo de pidginização e de criouliização, apresentando-se as principais teorias sobre a origem dos pidgins e crioulos. Ao fim, ressalta-se que o contato linguístico, sendo uma constante na dinâmica das línguas, não deve ser temido e combatido, mas ao contrário deve ser visto como algo que propicia o enriquecimento das línguas minoritárias.

PALAVRAS-CHAVE: sociolinguística, interferência e convergência linguística, empréstimo linguístico, língua crioula

1. Introdução

O propósito deste estudo é o de estabelecer alguns conceitos sobre os principais fenômenos decorrentes da interação entre duas ou mais línguas, assunto que tem merecido oportunas reflexões em diversas universidades brasileiras, dando margem a uma ampla produção de trabalhos bastante elucidativos, muitos deles disponíveis na Internet. Há também em plena atuação grupos de pesquisa nesse campo da Sociolinguística, tais como o Grupo de Pesquisa Línguas em contato¹ e o *Grupo de Estudos de Línguas em Contato da Universidade de São Paulo*².

Os fatores que determinam a interação entre línguas são diversificados. Podem derivar de uma posição territorial, tal o caso das loca-

lidades situadas em fronteiras de países vizinhos, ou de estreitas relações comerciais entre dois povos ou da dominação de uma sociedade sobre outra em consequência de invasões ou guerras de conquista.

Os conceitos que aqui se pretende explicitar são os de interferência e convergência linguística, os empréstimos e, por fim, os processos de pidginização e criouliização. Nas considerações finais, são apresentadas algumas características das línguas crioulas, bem como uma breve reflexão sobre a utopia do purismo linguístico.

2. A interferência linguística

Weinreich (1968) definiu a *interferência* como um desvio da norma de alguma das línguas utilizadas na fala dos bilíngues. Ou seja, é a influência de uma língua sobre outra, produzindo nesta última estruturas agramaticais. Para o autor, o alcance das interferências independe da distância entre as línguas: podem ocorrer tanto entre o francês e o vietnamita como entre o francês de Paris e o de Marseille.

Gamardi (1983) assinala que a interferência pode dar-se nos níveis lexical, gramatical e fonológico. O léxico é, porém, o componente mais afetado. O contato entre línguas geralmente atinge a relação significado x significante, podendo dar origem a um dos seguintes efeitos: o *amálgama* (em que um significante aglutina dois significados), a *extensão* ou *restrição de significados*, o *empréstimo lexical* ou o *decalque*. Este último termo se refere ao emprego de um item lexical proveniente de uma língua e usado em outra sob a forma de tradução.

Ao contrário do léxico, o sistema fonológico de uma língua resiste durante mais tempo à interferência linguística. Mas, em contrapartida, os empréstimos lexicais podem acarretar modificações de ordem fonológica, o que tem sido comprovado pelos estudos de ordem diacrônica.

Resta dizer que nem todos os autores concordam com o termo *interferência*, em virtude de suas conotações. Clyne (*ap. Morales*, 1993) propõe que, em vez dele, se use o termo *transferência*. Todavia, essa substituição talvez esvaziasse a noção de agramaticalidade que o fenômeno necessariamente envolve.

3. A convergência linguística

Vimos com Weinreich (1968) que a *interferência* é um desvio na fala das pessoas bilíngues, determinado pela influência de uma língua

sobre outra. Mas nem sempre essa influência ocasiona a produção de resultados agramaticais, desde que pode haver similaridades estruturais entre as línguas envolvidas. E, nesse caso, quando não se produzem resultados agramaticais, a influência de uma língua sobre a outra é considerada um caso de *convergência*. De acordo com essa conceituação, a única diferença da convergência para a interferência linguística é que nesta se absorve uma construção tida como agramatical.

Um bom exemplo, apontado por Marcos (1993), é o caso dos falantes árabes que entram em frequente contato linguístico com o inglês. No árabe, o sujeito pronominal não é de emprego obrigatório, ao contrário do que se verifica no inglês. Mas os falantes nativos do árabe, que falam com certa fluência o inglês, passam a usar com muita frequência os pronomes pessoais em função de sujeito em sua língua materna. Esse tipo de construção é plenamente possível, desde que opcional. Não há, portanto, a produção de enunciados agramaticais. Mas a grande frequência de sujeitos pronominais explícitos é percebida como a assimilação de um traço que outros falantes não apresentam.

Entre nós, não é difícil também encontrar exemplos de convergência. Basta observar, na leitura de teses ou livros escritos por brasileiros que reproduzem ideias ou hábitos oriundos dos Estados Unidos, a tendência à omissão dos artigos plurais. Ou então, olhar os nomes dos hotéis brasileiros, em que a colocação dos termos repete a sintaxe inglesa: *Imperial Hotel*, *Esplanada Hotel* etc. Não é que em português este tipo de construção seja impossível, mas se sente a influência estrangeira.

4. O empréstimo linguístico

O empréstimo³ é a adoção de termos ou construções sintáticas próprias de uma língua pelos falantes de outra. Em geral, ocorre pela assimilação de traços culturais entre povos e apresenta uma certa variedade de tipos e graus. Produz-se de forma direta, pelo contato das línguas, ou de forma indireta, através de leituras, dos meios de comunicação, principalmente o rádio e a televisão.

A origem dos empréstimos ou estrangeirismos não é devida ao acaso. Malmberg (1979) assinala que eles sempre derivam de uma língua de prestígio, seja este político ou cultural. Tanto é assim que os povos bárbaros, ao invadirem o império romano, adotaram durante os

séculos numerosos termos latinos. O francês foi e continua a ser um pouco menos, face à crescente dominação do inglês, uma língua de grande prestígio internacional. Por causa disso, muitos galicismos penetraram no português, aliás numa época em que a maioria dos gramáticos tinha uma visão purista de defesa do idioma contra qualquer invasão estrangeira. Hoje, não custa insistir, a principal língua fonte de empréstimos é o inglês, em virtude naturalmente do poder econômico exercido pelo capitalismo americano sobre outros países.

No Brasil, já não se sente uma reação tão forte contra os estrangeirismos. Eles são usados cada vez mais, mesmo quando existem termos vernáculos que possam substituí-los. Em geral, são vocábulos ligados à ciência e tecnologia, ao comércio e meios de produção de industrial.

Já não é assim em países como a França, onde existe uma longa tradição de luta ideológica contra os idiomas concorrentes do francês em seu território. Mesmo nos dias atuais, as autoridades francesas continuam com essa preocupação, editando leis e propondo medidas no sentido de coibir o avanço do *franglais*. Assim, por exemplo, um decreto de 1986 fixa os domínios em que o emprego da língua francesa é obrigatório e o recurso a qualquer termo estrangeiro é proibido. Para tanto, foram criadas *comissões de terminologia*, com a função de cuidar vocábulos que possam substituir os invasores.

Essas iniciativas de planificação linguística ou, como diz Baylon (1991), de *glototerapia*, não têm muito sentido, salvo se forem acompanhadas de medidas para preservar todos os demais aspectos da cultura. Quando há acúmulo de empréstimos linguísticos, é porque já existe uma grande influência alienígena em vários aspectos culturais da sociedade. Não deixa de ser algo quixotesco o projeto de lei de Aldo Rebelo⁴ (PL 1676/1999). Embora tenha sido apresentado há quase doze anos, continua a causar muita polêmica e há o risco de ser aprovado para jamais ser cumprido.

Aliás, aqui no Brasil, já houve tentativas semelhantes às que existem na França. Puristas como Castro Lopes se empenharam na criação de vocábulos a fim de substituir os galicismos e todo esse esforço foi nulo: os estrangeirismos continuaram enriquecendo o nosso léxico e nem por isso se tornaram uma ameaça à sobrevivência do português do Brasil, até porque os empréstimos em geral se limitam ao vocabulário, sem afetar o sistema fechado da língua.

5. O processo de pidgnização

Há situações em que grupos distintos de pessoas entram em contato, sem que tenham uma língua comum por meio da qual possam comunicar-se. Isto acontece principalmente para a efetivação de trocas comerciais. Quando nenhum dos grupos se decide a aprender a língua nativa do outro, em virtude de razões de ordem social como a falta de confiança ou de contatos mais estreitos, ocorre um processo de *pidgnização* ou emprego de uma linguagem bastante simplificada.

Baylon (1991) interpreta que a formação de um *pidgin* se liga sempre a uma realidade econômica, em que as relações surgidas do comércio ou do trabalho forçado obrigam os grupos em situação de contato a buscar uma *língua franca*. A assimetria socioeconômica impede que os membros do(s) grupo(s) dominado(s) possam aprender a língua do grupo dominante. E, por esse motivo, nem esta pode funcionar como *língua franca* nem muito menos a dos grupos dominados, já que é sempre tida como socialmente inferior.

É oportuno fazer aqui uma pequena digressão para se expor o conceito de *língua franca*. Trata-se logicamente de um sistema usado como meio de comunicação entre pessoas cujos idiomas maternos são distintos. O inglês e o francês funcionam assim em algumas comunidades do mundo e são aprendidos em geral na escola. Em cidades turísticas, como Atenas, não é difícil encontrar vendedores, taxistas ou garçons que falam inglês com estrangeiros de nacionalidades diversas, sejam japoneses, franceses ou brasileiros.

Wardhaugh (1993) alista como expressões sinônimas de *língua franca* as seguintes: *língua de comércio*, *língua de contato*, *língua internacional* e *língua auxiliar*. Mas há outras expressões quase sinônimas, como *língua veicular*, definida por Malmberg (1979) como aquela que serve de meio de contato fora de suas próprias fronteiras. Sem dúvida alguma, o inglês é, pelo menos no ocidente, utilizado atualmente nas mais diversas situações entre falantes cujas línguas maternas são diferentes.

Voltando à questão do *pidgin*, observa-se que este termo, para os falantes do português, parece um tanto estranho e de origem confusa. Garmadi (1983) prefere em vez dele o termo *sabir*, definido como a redução, a simplificação ou ainda o empobrecimento de uma

ou várias línguas, sendo inevitável que esteja(m) ou que tenha(m) estado submetida(s) à interferência linguística.

É importante anotar com Hudson (1984) que, embora possa ser denominado de *língua comercial*, nem todo *pidgin* se restringe ao uso de trocas comerciais e a recíproca também não é verdadeira, uma vez que a língua de alguma comunidade da área pode ser usada pelos demais grupos para efeito de comércio.

Como característica essencial, o *pidgin* não tem falantes nativos: jamais é uma língua materna de alguém, sendo apenas uma *língua de contato*. Ou seja, é o produto de uma situação de multilinguismo, em que as pessoas que desejam comunicar-se, sem ter uma língua comum, devem improvisar um código bastante simplificado para essa finalidade. Por isso, em geral o *pidgin* é visto como uma variedade *reduzida* de uma dada língua normal, com minimização de sua gramática, variações fonológicas e mistura do vocabulário.

Costuma-se dizer que o *pidgin* surge do contato de duas ou mais línguas. Entretanto, para alguns autores, como Wardhaugh (1993), o processo de pidginização requer o envolvimento de pelo menos três línguas, uma das quais é dominante sobre as demais. Lavandera (1984), discutindo essa mesma opinião, descreve a situação do *cocoliche*, variedade do espanhol usada por imigrantes italianos em sua interação com falantes nativos na Argentina e no Uruguai. A autora raciocina que, como no caso só há bilinguismo, o contato do italiano e espanhol não poderia ter gerado um *pidgin* e por isso o *cocoliche* seria um fenômeno de hibridização terciária. Lavandera entende, porém, que outros fatores, como a similaridade do italiano e do espanhol ou o caráter sutil das variáveis sociais na comunidade, intervieram para que o *cocoliche* não constituísse um *pidgin*.

Insistindo um pouco ainda nas características que distinguem um *pidgin* de uma língua normal, Romaine (1988) observa que o vocabulário de um *pidgin* comumente é derivado do idioma de maior prestígio, pertencente pois ao grupo dominante. Em outro estudo, Romaine (1994) afirma que pelo menos oitenta por cento do léxico de um *pidgin* provém do superestrato. Mas, seja como for, o número de itens lexicais é muito restrito: varia de trezentas a mil e quinhentas palavras. E, devido a esse pequeno repertório de itens, verifica-se no *pidgin*, conforme Muhlhäusler (1986), o caráter de multifuncionalidade, ou seja, a mesma palavra pode ser usada com uma multiplicidade de funções gramaticais.

Especificando mais esses traços estruturais, que se verificam em qualquer *pidgin*, Baxter (1996) alista as seguintes tendências:

- a) propensão para o estabelecimento do padrão SVO como ordem básica dos constituintes da oração;
- b) ordem oracional única tanto para frases decla-rativas, como interrogativas ou imperativas;
- c) expressão temporal e aspectual indicada ou só pelo contexto ou por “advérbios”;
- d) ausência de morfologia flexional, o que acarreta o desaparecimento das regras de concordância;
- e) sistema pronominal reduzido, às vezes sem in-dicação de gênero, número ou caso;
- f) uso restrito de preposições;
- g) sintaxe mínima e ausência de estruturas com-plexas;
- h) presença de palavras interrogativas bimorfêmi-cas;
- i) grau considerável de redução lexical;
- j) alargamento do domínio semântico dos lexe-mas, que assim podem corresponder a vários significados relacionados.
- k) multifuncionalidade gramatical dos lexe-mas.

Para concluir esta parte, a título de resumo, podem-se anotar as seguintes principais características de um *pidgin*:

- a) É uma língua suplementar para propósitos especi-ais de comunicação.
- b) Sua estrutura é bastante simplificada.
- c) Consiste numa mistura de duas ou mais línguas.
- d) Seu vocabulário em geral procede da língua do grupo dominante.
- e) Não é língua materna de nenhum de seus falantes.

6. O processo de criouliização

Um *pidgin* torna-se crioulo a partir do momento em que é considerado língua materna de uma comunidade de falantes. Hudson (1984) afirma inclusive que não há nenhuma clara diferença entre o *pidgin* e o crioulo, salvo o fato de que, enquanto o crioulo tem falantes nativos, o *pidgin* não é adquirido na infância como língua materna de ninguém.

Normalmente o crioulo se desenvolve numa situação na qual um grupo social de *status* superior precisa relacionar-se com um grupo que lhe é inferior. Um exemplo disto foi o que ocorreu nos contatos entre as línguas africanas com os idiomas dos colonizadores europeus,

no início da escravidão. O *pidgin* falado pelos escravos foi assimilado pelos filhos desses escravos, passando assim ao *status* de língua crioula. Chaica (1982) sugere ser esta também a origem do dialeto negro não padrão americano.

É fato, pois, que as línguas crioulas são faladas por comunidades cujos antepassados perderam parcialmente os seus laços sociolinguísticos e culturais originais, devido, na maioria dos casos estudados, à colonização europeia. E em geral tais línguas foram criadas em contextos que resultaram da escravatura.

Através do contato, os escravos adquiriram fragmentos da língua do superestrato, produzindo, na maioria dos casos, um código linguístico bastante rudimentar. Segundo a explicação de Baxter (1996), as crianças que nasciam nessas situações eram expostas às línguas nativas dos seus pais e também a esse código linguístico rudimentar. Por vários motivos, tal código terminou sendo mais viável socialmente, tornando-se, portanto, a língua materna dos filhos dos escravos.

Seguindo ainda a leitura de Baxter (1996), convém distinguir dois tipos de língua crioula:

- a) língua crioula exógena - É formada por populações geográfica e culturalmente deslocadas por um grupo dominante. Neste caso, a população deslocada deixa de falar as suas línguas de origem. São exemplos o crioulo francês do Haiti, o crioulo inglês da Jamaica, os crioulos portugueses de São Tomé e de Cabo Verde, entre outros.
- b) língua crioula endógena - É gerada quando um grupo forasteiro penetra uma área multilíngue e estabelece uma sociedade nova. Neste caso, intervém uma população variada, associada cultural e economicamente ao grupo dominante; por exemplo, mestiços, escravos, trabalhadores contratados e indígenas cujas línguas de origem não se extinguem. São exemplos deste tipo os crioulos portugueses da Ásia.

Há muitos linguistas que atribuem à mescla cultural e racial a causa principal do surgimento de *pidgins* e crioulos. Entretanto, os estudos sociolinguísticos apontam as barreiras sociais e distanciamentos entre os falantes como um dos fatores decisivos no processo de criouliização. Em todos os casos que foram observados, comenta Baylon (1991), as línguas crioulas nasceram em comunidades onde os analfabetos predominavam. E tais comunidades se caracterizavam por uma grande distância entre a classe dirigente (os brancos, os europeus) e a

classe servil (os negros, os escravos).

Bickerton (1981) defende a ideia de que um crioulo *ideal* deriva de um *pidgin* que não tenha existência superior a uma geração e que surja numa comunidade em que não mais de 20% sejam falantes nativos da língua dominante. Contra essa postura se insurge Sankoff (*ap. Morales, 1993*), que não vê sustentação em se criar uma tipologia sem base histórica, pois são diversas as situações de contato.

Em última análise, de acordo com Morales (1993), são condições para o processo de criouliização:

- a) a estabilidade do *pidgin* e do contínuo *pré-pidgin*;
- b) a acessibilidade a uma língua fonte;
- c) uma certa importância das línguas de substrato;
- d) uma relativa integração social da comunidade.

Resta assinalar que, nos últimos anos, tem ocorrido um processo de valorização e de promoção das línguas crioulas. A discussão sobre o papel que elas devem desempenhar na vida pública e no sistema escolar das comunidades que as usam desencadeou um série de pesquisas sobre a questão da ortografia, da normatização, do ensino etc. A crioulistica, disciplina que tem como objeto o estudo das línguas crioulas, adquiriu então traços de ciência social.

7. Características das línguas crioulas

Tal como se observa em relação ao *pidgin*, há uma série de semelhanças estruturais que se encontram nas línguas crioulas. Bickerton (1981) aponta, entre outras, as seguintes características:

- a) Certos elementos da oração podem ser destacados por meio de uma regra que insere uma cópia do elemento em causa no início da oração;
- b) O sistema de artigos inclui artigos definidos derivados de demonstrativos ou de outros pronomes e artigos indefinidos derivados do numeral *um*;
- c) Existem marcas específicas para complementos realizados e não realizados;
- d) Existem partículas pré-verbais bem definidas para traduzir as noções de tempo, modo e aspecto;
- e) É comum a ocorrência de orações relativas sem relativizador;
- f) A partícula de negação ocupa a posição pré-verbal;

- g) A “existência” e a “posse” são expressas por um mesmo lexema verbal;
- h) Os adjetivos da língua de superestrato podem adquirir o valor de verbos estativos;
- i) As orações interrogativas e declarativas têm a mesma estrutura;
- j) Determinadas palavras interrogativas são bimorfêmicas;
- k) Não há verbos de ligação;
- l) Não há voz passiva;
- m) Certos verbos podem adquirir a função de preposição.

8. Origem dos pidgins e crioulos

Já se discutiu muito sobre a forma como surge um *pidgin* e, posteriormente, uma língua crioula. Em síntese, duas são as principais hipóteses: a da monogênese e a da poligênese. Enquanto a primeira admite uma origem comum, a outra entende que cada *pidgin* se desenvolve de forma independente, como resposta a diferentes situações de contato entre línguas. É oportuno analisar em separado cada uma dessas teorias.

8.1. A teoria monogenética

Segundo esta teoria, o *pidgin* e o crioulo constituem soluções para situações de contato muito variadas, mas estas soluções têm uma origem comum, pelo menos cada vez que uma das línguas de contato pertenceu ou pertence a uma potência europeia imperialista. Assim sendo, os crioulos hoje conhecidos seriam os representantes de um proto-pidgin de base portuguesa desenvolvido a partir do século XV, quando dos primeiros contatos com a África, e que em seguida se teria espalhado até os portos do Extremo Oriente. A essência da teoria é, por conseguinte, a de que todos os *pidgins* são geneticamente relacionados a um *protopidgin*. Todos os *pidgins* e crioulos seriam versões *relexificadas* de um *pidgin* medieval português (GARMADI, 1983).

Assim sendo, para explicar as diferenças que existem entre os crioulos, a teoria da monogênese postula a hipótese da relexificação. Supõe-se que, nos séculos XV e XVI, os portugueses *relexificaram* o *pidgin* já existente, neste introduzindo seu próprio vocabulário. Este *pidgin* de base portuguesa começou a difundir-se e ser usado como uma espécie de *lingua franca* nas trocas comerciais. Posteriormente, houve vários processos de *relexificação*, em que a língua do grupo social dominante na situação de contato sempre fornecia a maior par-

te dos empréstimos lexicais. Para cada caso, a língua pode ter sido o francês, o inglês ou o espanhol. Mas a estrutura gramatical subjacente permanecia basicamente sem alterações. O ponto chave desta hipótese é que, conforme observa Wardhaugh (1993), assim se explica o fato de que os *pidgins* e crioulos, embora sejam extremamente diferenciados quanto ao vocabulário, mantêm muitas similaridades de ordem estrutural.

A elaboração lexical de um *pidgin* em vias de criouliização pode, pois, chegar à sua relexificação completa. Todavia, o que é mais curioso é que nem sempre esse processo, de base originariamente portuguesa, se efetuou a partir de línguas latinas. O chinês, o inglês, o holandês, o zulu, o banto, por exemplo, emprestaram vocábulos a línguas crioulas em que o elemento lexical de origem hoje é bastante reduzido. Por que então, se línguas tão diferentes participam da formação dos *pidgins* e crioulos, há semelhanças estruturais em todos eles?

8.2. A teoria poligenética

De acordo com essa teoria, as línguas crioulas, que resultaram de um processo de pidgnização, surgiram e se desenvolveram independentemente umas das outras. Várias são as hipóteses relacionadas a essa teoria.

Uma das mais conhecidas é a do *baby talk*, segundo a qual, para comunicar-se com seus servos ou clientes, os patrões ou negociantes utilizavam uma espécie de discurso infantil, resultante da mutilação e simplificação deliberada da sua língua. Os interlocutores tentavam em seguida reproduzir para seu próprio uso esta simplificação improvisada.

Outra hipótese é do *desenvolvimento paralelo independente*, conforme a qual os *pidgins* e crioulos surgiram de forma autônoma, mas se desenvolveram em direções análogas em virtude de usarem material linguístico comum (por exemplo, línguas europeias e africanas) e serem formados em condições físicas e sociais semelhantes (ROMAINE, 1988, p. 92).

Seja como for, os resultados dos processos de geração dos crioulos comprovam a existência de tendências comuns quanto à organização de seus sistemas linguísticos. E, se bem que hoje já não é possível o acesso direto à gênese dessas línguas, muitos dos seus aspectos continuam a constituir áreas de investigação privilegiada. Nesse sentido, duas tendências principais se firmam atualmente: a da influência dos universais linguísticos e a da participação decisiva das

línguas do substrato. Mas, apesar do extenso trabalho de investigação já realizado, existe muita coisa ainda a se pesquisar sobre os *pidgins* e crioulos.

9. Considerações finais

Na história das civilizações humanas, inúmeras línguas desapareceram, muitas sem deixar qualquer vestígio. Foi assim no período de colonização portuguesa no Brasil e no de colonização espanhola nos demais países da América Latina. Segundo Couto (2010), o português provocou a extinção de cerca de mil línguas ameríndias aqui no Brasil. Das que sobreviveram, a maioria está em avançado processo de obsolescência e, se não houver uma força externa que freie o processo, dentro de alguns anos estarão extintas.

Felizmente, é ainda Couto (2010, p. 13) quem observa, havendo contato de línguas, nem sempre a mais forte (econômica, política e militarmente) consegue impor-se na íntegra, causando o desaparecimento da(s) língua(s) dominada(s). Foi o que aconteceu nos casos em que houve o processo de pidginização e criouliização. E a atitude em relação às línguas minoritárias tem mudado um pouco, já existindo agora uma preocupação em estudá-las e preservá-las.

Por outro lado, a preocupação em manter a língua de uma sociedade isenta da influência de outras em virtude de um purismo utópico vai aos poucos dando vez a uma concepção mais liberal, desde que o contato linguístico é uma constante na dinâmica das línguas. O que se espera é que dessa interação haja um enriquecimento do léxico, como tem ocorrido no português do Brasil, e que os fenômenos de mudança decorram naturalmente de um processo de variação inevitável, sem que provoquem de modo fatal a extinção de qualquer língua minoritária.

ABSTRACT

This essay intends to define a series of phenomena resulting from contact between two or more languages. Initially we tried to distinguish the interference of linguistic convergence, delimiting the scope of the term loanword. Next, we focus on the process of creolization, presenting the main theories about the origin of pidgins and creoles. In the end, we emphasize that the language contact, being a constant in the dynamics of language, should not be feared, but rather should be seen as something that promotes the enrichment of minority languages. KEY WORDS: sociolinguistics, linguistic interference and convergence, loanword, Creole

REFERÊNCIAS

- BAXTER, A. Línguas pidgin e crioulas. In: FARIA, I. H. *et al.* (orgs.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996, p.535-9.
- BAYLON, C. *Sociolinguistique*; Sociétés, langue et discours. Poitiers: Nathan, 1991.
- BICKERTON, D. *Roots of language*. Ann Arbor - MI, Karoma Publishers, 1981.
- CALVET, Louis-Jean. *Linguística e colonialismo*; pequeno tratado de glotofaxia. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1993.
- COUTO, H. H. do. *Linguística, ecologia e ecolinguística*; contato de línguas São Paulo: Contexto, 2010.
- GARMADI, J. *Introdução à sociolinguística*. Lisboa: Dom Quixote. 1983.
- HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- LAVANDERA, B. R. *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette, 1984.
- MALMBERG, B. *Le langage, signe de l'humain*. Paris: Picard, 1979.
- MARCOS, F. G. *Nociones de sociolingüística*. Barcelona: Ed. Octaedro, 1993.
- MORALES, H. L. *Sociolingüística*. 2ª ed. Madrid: Gredos, 1993.
- MUHLHÄUSLER, P. *Pidgin and Creole Linguistics*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.
- ROMAINE, S. *Pidgin and Creole Language*. New York: Longman, 1988.

_____. *Language in Society - An Introduction to Socio-linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

WARDHAUGH, R. *An Introduction to Sociolinguistics*. 2^a. ed. Oxford / Cambridge: Blackwell, 1993.

WEINREICH, U. Unilinguismo et multilinguismo. In: MARTINET, A. (org.). *Le Langage*. Paris: Gallimard, Encyclopédie de la Pleiade, 1968, p. 647-84.

NOTAS

¹ Disponível em: <http://www.dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0045801H6UYOEW>. Acesso em 02/04/10.

² Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/gelic/>. Acesso em 29/04/10.

³ O termo não deixa de ser muito mal aplicado, pois, conforme o comentário espirituoso de Calvet (1993, p. 88), de empréstimo só tem mesmo o nome, já que, de fato, nunca pode ser matéria de restituição.

⁴ Disponível em: <http://www.aldorebelo.com.br/?pagina=entrevistas>. Acesso em 05/04/10.

Data de recebimento: 10 de março de 2010

Data de aprovação: 29 abril de 2010